

## TEMPO E HOMEM EM GILBERTO FREYRE

Maria do Carmo Tavares de Miranda

Uma visão de compreensão da realidade humana e do homem brasileiro e não apenas um mero conhecimento, eis a obra de Gilberto Freyre, tentando experienciar, no caso brasileiro, a sua formação desde um passado até os dias atuais e a consideração de perspectivas a serem ainda vividas. O experienciar diz Tempo e Homem, referindo um saber em situações, e se realiza e se dá em unidade de espaço-tempo, onde o familiar em raízes da terra e as condições, sejam de lugar e espaço, reclamam-se, também, de uma análise que abarque modos de convivência e de coexistência do homem, influências, seu próprio estilo de vida, seu comportamento, a intimidade de ocorrências e processos que falam aventuras do viver humano, seu consentir acontecimentos, seu recriar a vida.

Essa busca de compreensividade da dimensão humana vista tensionalmente em seu mundo — Trópico, não-Trópico — é que permite que o intérprete da realidade brasileira insinue-se até a "história íntima de um povo", o seu, para captar "rotinas de vida" e a própria aventura do espírito num mergulho existencial à procura das constantes do caráter brasileiro em sua gênese, formação e desenvolvimento. Rotina, Aventura, Mergulho dizem as modalidades de captação do cotidiano do homem, ora em seu costumeiro acomodar-se a situações, ora no saber irromper criativamente todo o seu universo de hábitos e habituais visões das coisas que o rodeiam para dispor-se ao que está por vir, auxiliando-o a um reencontrar-se a si mesmo e a sua gente no mais profundo de seu ser. Sobretudo, Rotina, Aventura, Mergulho como modos do sujeito cognoscente revelam o experienciar tempóreo — um roteiro ou trajetória para a descoberta de uma imagem ou símbolo de todo o complexo desse homem situado que dimensiona seu

presente de agoras sempre em vir-a-ser, tão diferentes, sejam os de ontem, ou os de hoje, ou de amanhã. Experimentar concretamente e descobrir o sentido do acontecer humano, seja individual seja coletivo, é compreender dramaticamente o *ethos* de um povo nos seus diversos modos de ser, segundo diferentes épocas ou tempos, nacional, regional, local, segundo seus processos de coexistência em espaço-tempo, físicos e sociais, e em meio a realidade que lhe são co-moção vivida. Com o tempo apanha-se a própria experiência do viver humano na sua complexidade existencial.

Para compreender a realidade humana é preciso indagá-la com sua própria experiência de existir, suas raízes, sua conformação em crescimento, seu destinar-se. Para isso são essenciais as questões sobre o Tempo — Tempo e Homem, Tempo e Época, Tempo e Gerações — que tentem acompanhar ritmos diversos de vivências e convivências, de transformações, de criações, de antecipações, a fim de descobrir constâncias e anotar o perecível, revolvendo o seu movimento, reconstituindo gêneses e impulsos. Para a compreensão desse processo do vir-a-ser do homem é preciso que se dê especial relevo à atenção como movimento fundamental da existência de um *eu* que dialoga com os *tu*, porque através dela manifesta-se todo o processo temporal com a revelação do que seja, então, o instante do presente e de onde ele tem suas raízes e tensões, ao mesmo tempo que se perscruta o seu itinerário e se desvela o secreto da intimidade do homem, seu próprio ser — individual, social, comunitário, coletivo — e de sua gente. Dá-se, assim, a temporalização da história, compreendida não mais como relato de feitos, mas como o sempre fazer-se geneticamente, criativamente.

Essa a visão de Gilberto Freyre a indagar sobre o homem brasileiro e seu passado. É a busca do próprio fundamento do que hoje se é, e do para que tende em seu vir-a-ser, procurando captar o que se manifesta em formas de recapitulação, espera e sobretudo de esperança. Busca, portanto, uma verdade sobre o homem brasileiro, não abstrata, mas encarnada e solidária ao tempo, “verdade poética” porque densa de fidelidade aos pormenores, às formas e aos processos do caráter brasileiro. E essa verdade não é tão-somente uma descoberta de evidências, mas o que de sutil e significativo — mesmo permanecendo misterioso e secreto — revela um arquétipo do modo de vida, continuamente em ação. Uma verdade, tradição e testemunho, portanto, que se reclama de recriação que continuamente a temporalize, concretize-a em acontecimentos duradouros, porque persistentes nas e através de mudanças. Verdade essa, que é um estar con-caracterizado, con-forme, firme em todo percurso de um processo.

Nessa ambiência de indagações da experiência vital e vivencial de homens concretos, Gilberto Freyre distinguindo valores e formas, refaz a “história simbólica” do homem e da sociedade brasileira analisando e interpretando, fixando aspectos das tensões históricas da trama da vida, através de seus momentos mais significativos e de seu projeto vital. Deixa-se, então, conscientemente influenciar pelo humanismo hispânico, tão marcado pela visão cultural semita de judeus e árabes mais atenta, para o estudo do homem, às concepções psicológicas e psicossociais que às matemáticas e físico-matemáticas, e por essa razão mais influenciada e associada a uma concepção de tempo — tempo biológico, psíquico, social — que diga o vivido, seja em recordações ou apegos seja em esperanças, escatologias

ou apocalipses. Essa concepção da existencialidade e concretude do homem, de seu saber de experiências e provas, conota-se com visões éticas e valorativas, históricas, onde o acontecer diz um surgir que cresce e procede dinâmica e pessoalmente — sejam indivíduos ou comunidades — através de prefigurações. É o mundo do símbolo a expressar realidades densas, profundas e inacessíveis que se fazem pressentir. Por essas razões, ações e vir-a-ser dão-se a pensar dignificados pelo que em cada momento se deixa transfigurar.

Com isso o que é e se exprime racionalmente pelo pensar deixa margem à redescoberta da pessoa como centro secreto e dramático, situado entre limites e infinitudes, em constante passagem através de instantes de passados, presentes e futuros, homem "rítmico e arrítmico" não do sentido da ciência médica, mas do saber compassar seus instantes, que se angustia, que sofre e se alegra, que se sabe indivíduo e comunidade, de trabalhos e descansos. Esta visão hispânica do sentido da excelência do singular, dos indivíduos em sua concretude e da pessoa com seu mistério de intimidades, deixa-se penetrar pelas "constantes portuguesas de caráter e ação", a Henriquina, a de Garcia de Orta, a de Fernão Mendes Pinto, a de Camões, e se faz acompanhar do humanismo que de Lúlio a Vives, a Unamuno, a Ortega y Gasset fala o homem com-padecido consigo mesmo pela memória, pela convivência, pela esperança que dizem amor e tempo, amor de e ao que vem sendo kairológicamente, segundo as oportunidades de insurgências e ressurgências pessoais e criativas. E a memória é amor fundamental de raízes do ser. E a convivência dirá a união, amor de união do que está sendo com o que é. E a esperança é o amor das possibilidades em aceitação.

Essa ordenação de amores traduz a experiência do Tempo-Vida, existencial e não simplesmente cronométrico. Tempo como dimensão da existência, como gênese e crescimento a indicar o processo do existir — repetindo-se, recriando-se, inovando. Tempo da aventura do experienciado e do que se experiencia. Aventura, também, do distender temporal. É o tempo do "durar passando" unamuniano e do "estar-sendo" orteguiano, como é, também, a duração bergsoniana. Mas também convém ver que a "ressurreição do tempo morto" micheletiano ou o "à procura do tempo perdido" proustiano dizem a mesma visão. É o "tempo trífio" gilbertiano de passado-presente-futuro, "sempre plural; sempre composto e complexo; sempre síntese de três vidas coletivas. Nunca singular nem simples". 1xii

Que vidas aí sintetizadas? Que homens?

As Vidas vividas, viventes e pre-vistas do homem hispano, do homem que "o mundo do português criou", do homem brasileiro, nacional, regional, localmente compreendidas, pois se "o tempo histórico se processa através de compensações de fracassos com triunfos, o tempo trífio reúne contrastes para nos apresentar, através deles, constantes ou predominações características . . . Um Brasil tão de ontem, tão de hoje e tão de amanhã, também eles, tempos, a formarem sendo três, um tempo só e uno para corresponderem à constante formação brasileira. Tão brasileiro no Nordeste como no Centro e nos extremos Norte e Sul. Tempos e espaços unindo-se para que a unidade brasileira continue a se juntar à sua diversidade e ambas a concorrerem para ser esta nação — para ser cada vez mais — magnificamente criativa, além de autêntica". 4:31, 34 Esse Brasil "uno e

diverso", "não é assim um intruso na comunidade hispânica — que inclui Portugal tanto quanto a Espanha — porém a expressão mais completa do que, nessa comunidade, é uma cultura ao mesmo tempo una e plural". 2: L

Homem, pois, e Tempo e novas situações. Homem e Tempo e relações espaciais: Uma gente hispânica pela formação pré-brasileira e luso-tropical, situada no Trópico e localizada na América, no Brasil; também, em grande parte morada na confluência branca, ameríndia, negra, no sangue e na cultura. Homem tríplice do debruçar-se sobre o passado para redescobrir as suas constantes, sem se negar o que possa haver de saudade dos tempos que se foram. Homem do estar sendo, imerso no tempo que num instante — este — está fluindo, mas também projetando-se sobre o futuro, antecipando-o. Homem nostálgico ou saudosista, mas também das percepções da atualidade e da atenção; homem da esperança. Homem tríplice ou homem do tempo tríplice da interpenetração simultânea dos três tempos com seus "passados utilizáveis", "presentes perceptíveis e utilizáveis" e "futuros previsíveis".

Tempo e Épocas a indicar o arcaico fundamental ontológico das razões do ser mesmo com seus mitos e magia que dizem a formação e constituição de um povo e as épocas vivenciais e conviventes com a gestação de utopias, como também as épocas de visualização da realização de possíveis, os quase-futuros.

Gerações e Tempo de homens jovens, modernos e idosos, assunto e tema que permite o estudo da revolução biossocial e que indica arrojos e potencialidades dos mais jovens, do seu mundo mágico-poético ao lado da juridicidade dos homens de meia idade, de múltiplas aptidões e serviços, de ordens e comandos, a ser seguida pela plasticidade compreensiva dos idosos, de experiências e sabedoria, místico convívio dos velhos consigo mesmos e com o mundo recriando o tempo.

Assim a experiência do tempo-vida na sua fluência e constância e no seu viver em possibilidades, alternando-se e convergindo entre seriedade e descontração, trabalho e lazer, como o tempo biocósmico diz a vida que sempre recomeça como nas liturgias sociais e religiosas que falam de recriações em cada novo ato, como cada novo ano. É a própria visão do arcaico e primitivo positivamente em gestação ultrapassando o simplesmente moderno de uma época passada em formas pós-modernas de possibilitações. E por isso infância, juventude e velhice dão-se as mãos na recriação do mundo — é o tempo-poético, tempo criador a necessitar de ânimo e paciente amor.

O tempo gilbertiano de convivência e participação, empatia, desdobrando-se em análise e interpretação do passado brasileiro para a compreensão do homem brasileiro, de seu presente e futuro possível, é um tempo vivido, biológica, psicológica e socialmente. Gênese, crescimento, maturação, envelhecimento, ligados, também, a evoluções cósmicas dos dias e noites, anos, estações, com seus mitos e ritos, com suas ordenações litúrgicas, com o mistério do renascimento, falam de alternâncias e convergências que se dão num tempo, o qual não pode ser de consideração meramente física nem puramente matemática segundo a quantidade, nem uma mera visão cronológica de mensuração de espaço. É o tempo do passar mas, também, da duração, porque cada mudança diz também persistência. Destacam-se nele, qualidade e ocasião favorável que são apreendi-

das pela consciência e exigem introspecção. São visões que falam de presentes como atenção, de memória de passados e de presentes, de imaginação ou de expectativa. As alterações alternadas de concentrações e dispersões, início e fim das ações solenes e das comemorações indicam a ritmia da própria vida. Por que não ver o mundo litúrgico do cultivo da terra — cultos e ritos — do mundo agrário pré-brasileiro e brasileiro, com suas horas densas em gestos e colheitas, com suas festas, as da Igreja, as procissões, entrudos, carnavais, relatadas por Gilberto Freyre? Em tudo uma celebração de ritos com ritmos, com repetições periódicas.

É um mundo de criação e conservação da vida em sua qualidade que é comemorada. E a palavra acaba de ser dita: co-memorar = ter memória conjunta do acontecimento e recriar a própria memória em sua significação mais profunda. Dá-se com isso a instauração de uma duração. É num presente "em expansão para trás e para diante". 1: XXVII sempre em movimento, que tanto os hispanos, quanto William James, Bergson e também Proust, como Jung e sobretudo Agostinho, lançam como que iluminações à visão freyriana.

Pergunta-se: as considerações sobre a fluência do tempo, do mesmo modo que a consideração que o presente faz do passado recapitulando-o, não o apanha propriamente no passado que se foi, mas no que no passado foi e é vivido, não estarão em paralelo com o que dizem esses mestres sobre a atenção em relação à memória e ao futuro? E o próprio vivido não é de "utilidade" para o presente? Esse tempo qualitativo, vital e vivencial, tempo-experiência, tempo-vida, tempo-consciência, que não pode ser imaginado como uma linha reta, não reforça a imagem semita da árvore — das raízes à copa abrindo-se aos ventos — tão do gosto hispânico a Raimundo Lúlio e do apego telúrico português, e ao mesmo tempo a imagem de linhas curvas em referência a um centro, não se encontram numa linhagem mais direta de Agostinho a Jung e Bergson?

E assim é numa apresentação sumária desse pensamento agostiniano e bergsonianano.

Essas imagens dizem a tensão do espírito e indicam que o que perdura é a atenção — o presente — que se encaminha à memória e ao que espera. É no presente que há rememorações e premeditações, do mesmo modo que o tempo é uma "extensão do espírito" que "numa mesma operação", como dizia Agostinho, "durável e persistente abarca, então, o passado e o que está por vir". Bergson também falaria dessa atenção, considerando a percepção do passado imediato, vivido, e direção ao futuro. Para Agostinho os três modos temporais — presente das coisas passadas: a memória; presente das coisas presentes: a visão; presente das coisas futuras: a esperança, são comensuradas pelo espírito, pela consciência e por isso podem ser breves ou longos os espaços de tempo de memória e de expectativa. E como esquecer em Agostinho, das influências semita (judaico-sírfaca) pela parte materna, grega, neo-platônica pela formação intelectual, latino-romana pelo seu cristianismo, sua profunda indagação sobre o homem até abismar-se no mais abscondido de seu ser em situação de concreto e composto, ligado a um corpo e ser com tempo, itinerante, de condição finita como modalidade ontológica da sua natureza contingente, e para tanto não se serve ele, inclusive, da autobiografia para descrever sua própria história, sua experiência tempórea?

Gilberto Freyre com seu tempo tríplice de passado, presente, futuro, simultaneamente interpenetrados, como que "fundidos num só" reconhece explicitamente a contribuição desses mestres de vida. No seu *On the Iberian Concept of Time* (1963) como nas *Palavras aos jovens do Ceará* (1978) fala dos três modos tempóreos agostinianos como atitudes vivenciais dos hispanos e entre estes do brasileiro, como em *Além do Apenas Moderno* (1973) e em *O Brasileiro entre os outros Hispanos* (1975) estabelece o estudo dos futuros possíveis que se apresentam em interrelação dinâmica com o passado e o presente, com os tempos vividos e viventes.

Se explicitamente o tema Tempo assume proporção mais nítida e senhorial nestes seus escritos, ele está presente em toda sua obra, podendo-se dizer — como já o fiz, quando a Fundação Joaquim Nabuco em memória viva o lembrou presente — que a temática freyriana tanto é Casa, quanto Trópico, quanto Tempo. Como não considerar em sua obra o quanto ele busca ver e compreender o *ethos* do homem e do homem brasileiro através de múltiplas e convergentes experiências que desde o consentir proustianamente do passado alonga-se até o conviver dos místicos confluindo nas análises vivenciais da duração do estar-sendo e deixam vislumbrar formas futuras advenientes? Uma análise — aqui mera lembrança rápida — de *Aventura e Rotina* (1953) com suas antecipações vivenciadas das influências islâmicas no mundo africano, um crescente, então, exercício de influências formativas, e *Insurgências e Ressurgências Atuais*. Cruzamentos de sins e não-sins num mundo em transição (1983), e o constatar a força e mística atual islâmica, comprova, entre outras de suas obras, o que se acaba de dizer. E sempre o passado e o futuro são vistos à base de constantes, de símbolos e tipologias que dizem o que perdura no presente!

Desse tipológico a perdurar no presente e de seu tempo tríplice, se *Além do Apenas Moderno* e *O Brasileiro entre os outros Hispanos* apresentam a exemplaridade simbólica de ritmos tempóreos encarnada em Dom Quixote e Sancho Pança, ou seja a valorização do passado e do futuro no primeiro, e a do presente em Sancho, não exclusivamente, mas no que é valioso circunstancialmente, não pode ser esquecido o que *O Luso e o Tropicó* (1961) traz como exemplares típicos configurando o viver do homem, de modo mais especial do português e do brasileiro. É a própria aventura ulissiana do português contraposta afirmativa e negativamente como antítese dialética à rotina e sentidos de estabilidade do Velho do Restelo, que não são senão o passado e o presente combinando-se nas formas de regressismo e sebastianismo na construção do futuro. Ambas, rotina e aventura se compactuam sinteticamente num esperar amoroso de fecundação de *gestas* que se confirmam na cultura e civilização luso-tropical. E não é, segundo ainda Gilberto Freyre, *Camões: Vocação de Antropólogo Moderno?* (1984) antecipando-se em confrontar tipos diferentes de homens situados e, assim, um precursor da luso-tropologia — a compreensão do homem em novas situações existenciais de espaço e tempo, da quebra de rotinas de posições num lugar, de aventuras do suceder seus próprios passos em novos tempos — os tropicais? Já Camões, merecera estudo especial em *O Luso e o Trópico*.

Do mesmo modo o local e o regional são compreendidos nas suas propriedades e singularidades, mas também na excelência do transregional, do nacional,

do transnacional. São as constâncias da criatividade humana no seu universo de diferenças e contrastes uma mesmidade cultural, criativa, original. Seu objetivo é o de compreender o homem individualmente concreto e sua situação, apontando a condição humana, universal, segundo seus modos de ser situado. Um saber, portanto, existencial que diz essencialmente o que o homem é e o *ethos* próprio de seu grupo humano. E não só fala do passado, mas do que vindo do passado é vivo, germinante e dinamicamente tendido ao futuro. Melhor a futuros. Futuros Possíveis. Prováveis. Perceptíveis. Imagináveis.

Para alcançar o ideal simbólico do homem e da família brasileira, as constantes de formas além do que foi variável em espaços e tempos físicos e sociais e vivido diversamente em diferentes sub-grupos de homens nacionais, as autobiografias coletivas desde sua tese na Universidade de Colúmbia, *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*, desde *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso*. . . desvendam a formação do brasileiro em vários tempos e estilos de vida, organização, transição, identificando o que lhe era próprio, diferencial e comum – suas tendências, seus modos de ser – revelando o que lhe era típico, simbólico. Dessa análise introspectiva das misteriosas intimidades arquetipais, toda sua obra revela o universo brasileiro em suas condições concretas de tradição e inovações através de tensões dialéticas que indicam complementação afetiva existencialmente convivente, nacional, regional, internacionalmente.

Que são suas seminovelas senão o apanhar na dramaticidade da vida individual, apesar de ambientes tropicais, não-tropicais, a trama do caráter brasileiro tecendo condicionamentos e comportamentos pessoais? O passado e [ou] o presente e no presente, o presente e o futuro repensam o homem brasileiro e a sociedade brasileira, situada no Trópico. É a distância social sendo compreendida pela distância temporal, estabelecida pelo tempo trípico e seu processo interpenetrativo. São os indivíduos – tipos de homem e tempo trípico – na confluência do presente brasileiro.

Em nenhum momento há o abandono dos valores e estilos de vida sejam rurais, sejam urbanos, sejam regionais, nacionais, tropicais, não-tropicais, europeus, não-europeus. É a combinação das diversidades numa unidade harmoniosa. É o Homem e Tempo, Tempo e Épocas, Gerações e Tempo de homens. Essa "reinterpretação de passado que, intuindo um novo conceito de tempo – o tempo trípico, segundo o qual passado, presente e futuro são simultânea e dinamicamente um tempo abrangente –, se tornaria uma reinterpretação mais do que de um passado e de uma experiência pré-nacional desdobrada, em tempo trípico, em experiência nacional abrangente de dias atuais e de perspectivas já em parte imaginativamente a serem vividas". 3:132 Isso pode se ver, e convém dar destaque seja à sua "orientação para as relações intranacionais no Brasil" repensando os Brasis agrário, pastoril, urbano, vendo e antevendo o seu desenvolvimento e as questões do futuro brasileiro, seja a consideração de diversas formas transnacionais de situação do homem nos Trópicos.

Sempre a mesma busca: ver, interpretar, compreender o homem e o homem brasileiro com seu tempo trípico e em seu mundo cultural, tanto de Europa, Orientes, Áfricas, Américas. São os problemas supranacionais e os valores espirituais. É a busca de compreensão mais abrangente e profunda do homem,

suas experiências, expressões, predominâncias não só regionais mas transnacionais. É a necessidade das inter-relações culturais abarcando visões científicas, éticas e também crenças que dimensionam o homem, sempre, tanto quanto ontem o presente de hoje concorda na força do espírito e do ideativo na vida humana e dos povos. É o "Brasil século XXI" necessitando de elites estratégicas de pensadores com sentido científico-social que reclamam ao lado das engenharias físicas as, também, engenharias sociais e humanas. E as considerações sobre o Homem e o Tempo, Tempo e Épocas, Gerações e Tempo mostram a força da religião e do misticismo — laicos, ateus, religiosos — reorientando o presente para a contemporaneidade do homem com o futuro.

O pensar gilbertiano da coordenação e interdisciplinaridade de conhecimentos e saberes, teorias e práticas, desemboca na visão e estudo Tropicológico, a sua obra que atende ao homem e tempo trífios — arcaico ou pré-moderno, moderno e pós-moderno — seja também ao tríplice universo de potências, atos e possibilidades que inhabitam em cada homem. Em tudo há interrelacionamentos: de espaços e tempos entre homens e natureza, e um saber compreensivo desse homem, ecológico, psicossociocultural, concretamente e existivamente a considerá-lo em suas relações com a terra, interrelações de gerações, de grupos regionais, nacionais, trans-nacionais, de vários sub-grupos étnicos, sócio-econômicos, biossociais, psicossociais, cada um visto na sua especificidade própria, universalmente compreendida pela tessitura de suas relações intercategóricas que dizem um modo de ser, de pensar e de sentir, de estar-sendo.

A redescoberta do concreto foi feita não só pelas evocações ou recuperações do passado, mas a partir da descoberta do ritmo interior do homem, no caso, brasileiro, com suas alternâncias de trabalho e lazer, de lentidão e festas, de saudosismo e utopias mais que do progresso, de tristezas e alegrias. Mais do tempo natureza que da pontualidade dos relógios. Esse tempo biológico, social, psíquico, cultural, intra-histórico diz a predisposição gilbertiana com seu tempo trífio de alcançar através de uma tipologia social a própria idéia de homem. É o tempo-experiência de vida e do próprio viver humano, feito de energias criadoras, a penetrar o íntimo e interior do homem.

O humanismo científico de Gilberto Freyre definiu-se imaginativamente em retrospectões e antecipações. Nesta constante de compreensividade do homem, seu objetivo científico, captando o tempo, disse a própria vida do homem, não só através de seus passados vividos, mas muito mais enunciando o que espera e sua esperança no futuro, acentuando o caráter persistente — fluente e confluyente — de interpenetração dos três modos temporais na consciência. Realçou-se, assim, no experienciar do tempo trífio a compreensão do homem situado, sua concretude, seu valor e verdade, encarnados no tempo. Num tempo de movimentos, de repetições e inovações, tradições e novidade. No tempo do processo de vir-a-ser, do estar aberto à qualificação da própria vida humana. Tempo-Homem.

Esta a aventura do homem: o saber situar seus espaços de tempo em fidelidade e constância que trabalham inovando o amanhã, plenificando ontens e hoje através de um redescobrir os arquétipos fundamentais de seu ser que exigem e se orientam à recepção de possibilidades. Homem trífio do estar-sendo com memória e atenção ao futuro.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FREYRE, Gilberto. *Além do Apenas Moderno*. Sugestões em torno de Possíveis Futuros do Homem, em geral e do Homem Brasileiro, em particular, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. XXX + 266 p.
- 2 FREYRE, Gilberto. *O Brasileiro entre os outros Hispanos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. LVI, 161 p.
- 3 FREYRE, Gilberto. *Insurgências e Ressurgências Atuais*. Cruzamentos de sins e nãoos num mundo em transição, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Globo. 1983, 292 p.
- 4 FREYRE, Gilberto. *Palavras aos Jovens do Ceará*. Fortaleza, Instituto Lusíadas, 1978. 54 p.

